

O Humor em Júlio Dinis

Maria Livia Diana de Araujo Marchon

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, ou Júlio Dinis, como ficou conhecido, formou-se em Medicina no Porto e entrou para o corpo docente desta Faculdade. Pouco exerceu, porém, sua profissão, pois a tuberculose o acometeu, fazendo-o trocar sua cidade por estadias de cura na zona rural de Ovar e na Madeira. Faleceu bem jovem, em 1871, aos trinta e três anos de idade.

Como médico que era, após alguns momentos iniciais de ilusão, Júlio Dinis deve ter tido consciência de que a tuberculose o venceria, como de fato venceu. Impressiona, portanto, o fato de ele saber superar essa dor e construir uma obra marcada, como bem se sabe, pela otimismo em relação à vida. Focaliza seus personagens principais, todos bem jovens, na época de namoro e permite que, após as devidas lutas, consigam realizar seus anseios amorosos. Talvez realizasse o autor, através dos mesmos, o sonho que ele, homem jovem e doente sem cura, não poderia jamais realizar.

A doença e a morte não se ausentam por completo de seus romances, cujos heróis são sempre órfãos de mãe, mas elas ocupam poucas páginas e, por mais absurdo que possa parecer, ligam-se à felicidade dos personagens e até se tornam fonte de ensinamento para o leitor, concretizando o anseio do autor de realizar obra literária com a de Rodrigo Paganino, que servisse de "instrumento" para a educação das massas.

Em *Uma Família Inglesa*, a agitação de Kate, a ama inglesa de Mr. Richard, octogenária e demente, serve, em seu realismo, para salientar a firmeza e o carinho com que Jenny a acalma. Mostra ao leitor o bom caráter da jovem, que assume com perfeição, em relação aos familiares, o papel de anjo tutelar que caberia à sua falecida mãe e consegue a felicidade de todos. Em *A Morgadinha dos Canaviais*, o trágico destino da meiga Ermelinda, destruída pelo sentimento de culpa nela inculcado por uma madrinha beata e maldosa, serve ao autor para combater o nocivo fanatismo religioso. Embora

marque profundamente a obra em que se insere, constituindo o único momento realmente trágico nos romances de Júlio Dinis, não impede que os personagens principais da história encontrem a felicidade junto do par almejado.

Em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, a doença de D. Luís traz Berta, filha de seu ex-empregado, para dentro do solar, como desvelada enfermeira, e o amor de ambos pela filha já falecida do velho fidalgo os aproxima e muito contribui para que ele a aceite como nora, embora ela seja de condição social "inferior" à sua. Em *As Pupilas do Senhor Reitor*, Daniel se encanta com Margarida quando a vê à cabeceira de um doente terminal, contribuindo este, assim, para que ela realize seu sonho de amor. Nas páginas finais deste romance, em pleno clímax da alegria, fala o médico João Semana: *Eu, tu e José das Dornas devíamos retirar, porque eles estão agora persuadidos que nunca envelhecem nem morrem, e nós estamos aqui a bradar-lhes com os nossos cabelos brancos: Memento... et coetera, et coetera.*

Presença assaz discreta nas histórias, a finitude que marca a existência humana não impede, de modo algum, que se destaque, nas mesmas, uma visão bem-humorada da vida.

Na pequena galeria de tipos humanos que pintou em suas nuances bem diversas, nas cenas do dia a dia que soube retratar com um realismo que ainda não se vira na literatura portuguesa, influenciado provavelmente pelos romances ingleses que tão bem conhecia, Júlio Dinis não perde a ocasião para nos fazer sorrir. Seus personagens, geralmente, são vistos com simpatia por parte do narrador, que sabe criticá-los com benevolência e torná-los próximos do "leitor".

Bisneto, pelo lado materno, de um inglês e uma escocesa, o autor se criou em um ambiente familiar de estilo inglês que retratará, com toques autobiográficos, em seu único romance citadino. Em *Uma Família Inglesa*, Mr. Richard, como bom britânico, nunca se deu ao trabalho de aprender bem a língua dos outros e, apesar dos muitos anos em Portugal – mais de vinte – "assassina", sem piedade, a língua portuguesa:

As combinações gramaticais de Mr. Richard, ao falar a nossa língua, saíam marcadas com um verdadeiro cunho britânico. Vênus, a pró-

pria Vênus, perderia aquelas ilusões, a que nos refere o cantor d'Os Lusíadas, se porventura ouvisse o português que ele pronunciava.

Transparecia de alguma sorte nas orações do seu discurso o crédito liberal de um verdadeiro cidadão de Londres. O espírito conciliador e ordeiro, o constitucionalismo arraigado naquele ânimo inglês, e a adesão aos princípios interventores adotados no seu país, parecia haverem-se estendido, extravagantemente ao campo da sintaxe portuguesa. Levando Mr. Richard, num excesso de tendência harmonizadora, a tentar nela concordâncias de substantivos e adjetivos contra a absoluta e insuperável repugnância de gêneros e de números; e a modificar a constituição gramatical de um país aliado, como a Inglaterra gosta de modificar a sua constituição política.

O tom da conversa, muitas vezes jocoso, mostra-se mais sugestivo do que afirmativo, empregando o autor reticências e verbos do tipo "não sei", "julgo", "parece", forçando o leitor a pensar um pouco.

(...) os sorrisos, que lhe valiam as atrocidades praticadas por ele [Mr. Richard] nas gramáticas estrangeiras, esses, sofria-os com impassível indiferença e não sei até se com certos vislumbres de orgulho e regozijo.

Sabendo, como poucos, contar uma história e apreciando romances lentos, Júlio Dinis coloca as situações cômicas em momentos estratégicos. A demora do narrador, caracterizando bem o ambiente e os personagens, antes de entrar na ação propriamente dita, não cansa o leitor, porque se vê suavizada pelo modo de falar do velho inglês, assim como por outros episódios divertidos como o da destruição que os seus "talentos" de jardineiro acarretam para as plantinhas, a "bagunça" que Carlos faz no escritório de Manuel Quintino ou a conversa desse bom velho com sua caneta. Em outra ocasião, a cena que faz sorrir, pela crítica bem-humorada do narrador, situa-se exatamente após um momento de tensão dramática, produzindo um corte cinematográfico, que não apenas causa um "relax", como também mantém o leitor em suspense frente à evolução dos acontecimentos centrais. Júlio Dinis sabe realmente narrar. No clímax do conflito, quando o guarda-livros sai de casa desesperado, imaginando que o filho do patrão abusou da sua confiança e amizade, a ação se interrom-

pe e o autor põe à nossa frente novos personagens, os amigos de Mr. Richard. E os três ingleses põem-se a conversar sobre os mais graves problemas mundiais, sendo tudo por eles tratado e decidido *em termos categóricos e com tanta consciência de infalibilidade, como só a dá e permite o foro de súdito inglês*. O autor segue a velha lição narrativa de Homero que, na *Odisséia*, interrompe a narração exatamente na hora dramática em que a velha serva reconhece Ulisses pela sua cicatriz, pondo-se a explicar longamente a origem desta e, em plena cena trágica da matança dos pretendentes, põe alguém a espirrar e provocar risos.

Muito se tem falado que Júlio Dinis, em seus três romances rurais, acentua as belezas da vida no campo. Como pessoa fundamentalmente culta e da cidade, porém, ao lado das qualidades que reconhece nesse viver campesino (geralmente privilegiado no paralelo que estabelece com a cidade), também lhe percebe aspectos menos positivos, como a falta de cultura e finura musical. A senhora Teresa valorizava ao extremo os "modelos caligráficos" e o "estudo dos verbos", que a sua prendada filha, noiva em potencial de Daniel, dominava tão bem. A filarmônica rural fere os ouvidos apurados de Henrique de Souzaelas, semelhante, neste ponto, como em alguns outros, ao narrador. A descrição merece ser transcrita pela precisão pictural dos detalhes observados, bem como pelo efeito cômico conseguido graças ao discurso figurado:

Chiava já o clarinete, assobiava o flautim, roncava a trompa, uivava a flauta e todos prometiam aos ouvidos a mais inarmônica das torturas.

(...) a nota furiosa, extraída da trompa do mestre Pertunhas achou-se só no espaço, e fugiu envergonhada a esconder-se na concavidade dos montes vizinhos, deixando na passagem os ouvidos quase em sangue. Este sucesso foi saudado com uma gargalhada geral, que redobrou quando as notas dos outros instrumentos, vindo partir desacompanhada a nota-chefe e reconhecendo a falta, saíram alvoroçadas atrás dela, cada uma por sua vez. Foi uma debandada musical de indescritível efeito. (...)

(...) Henrique foi quem mais sublimes esforços fez para sofrer com paciência aquelas torturas acústicas (...)

– *Coragem! Coragem!* – murmurava-lhe o conselheiro, impassível como perfeito político. – *Nas ocasiões é que os homens se conhecem! Coragem!*

A partir provavelmente de suas próprias experiências, Júlio Dinis aponta os sofrimentos de um recém-chegado à aldeia. A obrigação de fazer visitas, para conhecer “as raridades e monumentos da terra”, como alfaias de sacristias, proporciona a Henrique uma tarde “deliciosa.” O jovem médico Daniel, recém-chegado da cidade, vê-se forçado a escutar narrativas cinegéticas. O narrador sabe transformar cenas enfadonhas para os personagens em passatempo agradável para o leitor e uma das melhores amostras do efeito cômico obtido pelo humor dinisiano parece encontrar-se na crítica sutil que faz a esses relatos de caçadores. O sorriso brota do contraste entre a pouca importância do assunto e o tom elevado em que se vê abordado, usando-se termos literários como “peroração e “elogio fúnebre”, ligados ao mundo sublime das epopéias e seus heróis. Uma simples história de caçada de lebres nos é apresentada resumidamente sob a forma de títulos de capítulos, à imitação do romance inglês, como o de Fielding. E as reações do pobre personagem ouvinte, que vão em gradação ascendente, completam o quadro cômico.

Of. Era um longo romance que daria para muitos capítulos. Permitam-me que lhes registre aqui ao menos o argumento, o qual, mutatis mutandis serve para todos os do mesmo gênero.

Ulx. De como se originou o projeto da caçada – O que se disse por essa ocasião – Escolha da época – Princípios gerais que devem guiar o caçador nessa escolha – Descrição da partida – Enumeração e descrição dos caçadores – Apreciação filosófica de suas qualidades venatórias – (...) – Exame do problema “se é preferível almoçar antes de partir ou no campo – (...) – O primeiro tiro e a primeira lebre morta – O autor atribui, com a possível modéstia, a glória de ambos a si próprio – (...) – Peroração em honra da caça em geral e da caça da lebre em particular – transição para outra história.

nbq. Todos estes capítulos, difusamente desenvolvidos, ouviu portanto Daniel com mostras de curiosidade. A terceira história, porém, já o encontrou mais indiferente; a quarta, recebeu-a com bocejos, a modo de comentários; a quinta com impaciência manifesta; a sexta

com inquietação; a sétima com horror – horror que foi crescendo gradualmente até duodécima.

Pedro fazia então o elogio fúnebre do perdigueiro, que, havia um mês, lhe tinha morrido (As Pupilas do Senhor Reitor).

No romance dinisiano o narrador faz-se constantemente presente, quer na forma de insistente conversa com o “leitor”, bem visível nos três primeiros, quer de forma mais sutil, como ocorre no último. O estilo dialogado não se revela um fim em si, como nos narradores do tipo de Tristram Shandy, mas faz-se um meio que o autor utiliza para aproximar o leitor dos personagens, salientando as semelhanças existentes entre ambos, não permitindo que parem dúvidas sobre seu caráter, criticando com simpatia seus defeitos, como os traços britânicos já apontados.

Em uma conversa amiga, o narrador procura fazer o leitor pensar um pouco, chegar a conclusões e a ele até se dirige em tom levemente zombeteiro:

Na companhia encontraremos alguém já conhecido nosso.

E como, até agora, só tenho apresentado ao leitor três pessoas, não será prova de grande perspicácia, da sua parte, adivinhar qual dessas três será. (Uma Família Inglesa)

Muitas vezes o narrador, sobretudo em *A Morgadinha dos Canaviais*, assume a postura de um cicerone, acentuando a ilusão de que ele e o “leitor” estão presentes no espaço e no tempo da história narrada:

Deixemos, pois, Henrique de Souzaelas (...) no tranqüilo recinto de Alvapenha e vamos associar-nos a um dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto (...).

Júlio Dinis mostra-se absolutamente à vontade, adotando tom bem coloquial:

Era o dito Sr. Joãozinho morgado e proprietário (...) mas propriedades e morgadio andavam-lhe tão embaraçados em redes de demandas e hipotecas, que Deus nos acuda.

Em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, a concentração do interesse nos conflitos psicológicos vividos intensamente pelos personagens, que lembram os heróis de Corneille, por sua luta entre o dever e o amor, e o sério problema social aí retratado – a ruína ou a sobrevivência de uma classe social dependendo da

sua capacidade de transformar-se, e o próprio futuro de Portugal aí simbolizado (o tesouro escondido está no solo) – tudo isso leva o narrador ao emprego de um tom mais sério e a manifestar-se mais indiretamente, mostrando seu pensamento através da própria ação dos personagens e da pontuação e adjetivação empregadas. São pouquíssimas as cenas cômicas que propiciem ao narrador alguma intervenção brincalhona e se ligam a Frei Januário e Ana do Vedor. Servem, como costuma acontecer em Dinis, para um “relax” do leitor no meio de uma ação de grande intensidade dramática.

Frente aos graves problemas de valores com que se depara D. Luís, a preocupação do frade com a comida assume uns toques de D. Quixote e Sancho Pança. Ironias, hipérboles, verbos que mais sugerem do que afirmam criam nosso personagem cômico:

Em uma das espaçosas salas da Casa Mourisca (...) esperavam a hora de jantar o velho fidalgo e o seu capelão-procurador frei Januário dos Anjos.

Não foi rigoroso o emprego no plural do verbo da última oração.

Frei Januário era quem esperava, porque essa era também a principal ocupação dos seus dias. Os gozos do paladar mal lhe compensavam as amarguras destas longas expectativas. (...)

Não sei se foi esta última frase que recordou ao padre que também a ele não faltava vontade ... de comer. (...)

E frei Januário saiu da sala para ir pela vigésima vez à cozinha, que ele suspeitava abandonada pela incúria do cozinheiro, estando pois a família toda ameaçada com a tremenda catástrofe de uma retardação do jantar.

Em outros momentos, além das hipérboles e ironias do narrador, monólogos e diálogos do personagem ou o próprio tempo da narrativa, que se faz um pouco psicológico, completam a figura delineada.

Ana do Vedor, que foi a ama-de-leite dos jovens fidalgos, surge em cena em pleno fabrico de pão e cercada, em sua cozinha, por várias ajudantes:

No meio desta legião feminina assim atarefada, a patroa da casa, que, como Calipso sobre as ninfas que serviam, ou, segundo a comparação clássica, como o elegante cipreste sobre as vinhas

rasteiras, olhava sobranceira para todas, superintendia no trabalho de cada uma e distribuía as tarefas com método e inteligência.

Era esta a tia Ana do Vedor (...) Era ela enfarinhada, arregaçada, afogueada, com os cabelos escondidos debaixo do lenço vermelho que atava sobre o occipital, com a voz potente, o olhar fino e os movimentos fáceis, apesar dos cinqüenta anos já contados.

Tal como no relato de caçada que Daniel era obrigado a ouvir, a cena aqui se torna cômica pela comparação erudita, e tão contrastante, que o narrador estabelece. Trata-se de uma constante em Júlio Dinis, cujas comparações, perífrases, metáforas e epítetos eruditos, da tradição greco-latina, por exemplo, fazem-nos sorrir diante de muitos personagens secundários, e até de animais: o cãozinho de Mr. Richard é um "Átila dos ratos", a empregada Antônia mostra-se uma "Hebe doméstica", João da Esquina, diante da esposa que o aconselha a tomar arsênico como remédio, olha-a como uma nova "Clitemnestra de conjugicida memória" e o bom reitor, ao perceber o futuro padre Daniel namorando uma pastorinha, alça-se junto das crianças com iras de Adamastor.

E não apenas o narrador assim se expressa, como também alguns personagens, por sinal cultos e levianos. Carlos chama os amigos de seu pai de Heráclito e Demócrito ingleses; Henrique, na viagem rumo à aldeia, desespera-se diante da interminável estrada que lhe lembra "os círculos do inferno de Dante"; Maurício, frente à seriedade com que o irmão lhe fala da ruína familiar, reclama que o mesmo está "com uns humores de Cassandra."

Além dos diálogos, muito bem articulados, monólogos pitorescos também contribuem para fazer sorrir o leitor, e, em ambos os casos, deve o autor, aqui, ter aproveitado um certo pendor que manifestara anteriormente para o teatro, em sua curta atividade como teatrólogo. Basta lembrar a conversa do hortelão liberal com Frei Januário, tão conservador, ou monólogos deste último.

Embora aponte, ironicamente, os defeitos de Frei Januário, o narrador termina por olhá-lo benevolmente, pois, afinal, apesar de comilão e preguiçoso, ele gosta mesmo do fidalgo e cuida do mesmo, com desvelo, por ocasião de sua doença. Também Eça de Queirós, anos mais tarde, nos mostrará, no romance *Os Maias*, um padre de aldeia comilão – o Abade Custódio – mas boa gente.

O humor de Júlio Dinis envolve, com sorriso compreensivo, caracteres humanos que não prejudicam gravemente seus semelhantes. Quando os traços negativos, porém, se tornam realmente danosos, a crítica perde seu lado cômico e se torna acerba.

Frei Januário é capaz de maldadezinhas, como a que faz com Jorge, mas, como já se viu, não é má pessoa. Os missionários, porém, que aparecem sobretudo na história da morgadinha e fomentam a existência de beatas a trazer fanatismo, tristeza e luto para os lares, merecem abordagem bem diversa. Nem uma sombra de riso perpassa figuras como a daqueles que não aceitam o moderno sepultamento fora das igrejas e se fazem responsáveis pela baderna no cemitério, que poderia ter degenerado em tragédia. Por serem fonte de sofrimento e morte, o narrador deixa-os totalmente na sombra da narrativa. Olha-os de longe e de fora, não lhes atribui um traço pessoal, um bom sentimento. Pinta-os caricaturalmente, como a encarnação do mal.

No tratamento que dá às beatas, Júlio Dinis vai em um crescendo. A que aparece em seu romance citadino, a senhora Josefinha da Água-benta “cunhada do homem da sobrinha da comadre da senhora Antônia”, é vista de modo um pouco cômico no seu interesse pela vida alheia: *Era mais que ardor de saber o que a possuía; era ânsia, era febre, era delírio.* Já nos romances rurais a senhora Josefa da Graça aparece quase sem traço risível: *Era uma mulher cor de cera, muito macilenta, de olhos meio fechados e sorriso de beatitude nos lábios. Sempre carregando um rosário, era a mais famigerada vergôntea deste viveiro de aspirantes a santas, que se estava organizando na aldeia. O Reitor, que não era para imposturas, tratava-as a todas com aspereza, o que não lhe granjeava muitas simpatias neste beato congresso.* Na história da morgadinha, o cômico desaparece por completo e, em lugar de descrição e amplo comentário do narrador, deparamo-nos com a ação concreta da maldosa Catarina do Nascimento de São João Batista. Além disso, o narrador se refere a todas as beatas em discurso figurado, animalizando-as, em um certo sentido, como fará mais tarde Eça de Queirós:

- *Aqui del rei, que matam o senhor frei José!*

- *Ai que matam o santinho do missionário!*

E estas e outras vozes pipilavam, uivavam e chiavam aquelas esgançadas mulheres, sem que o zelo religioso as decidisse, porém, a intervir mais ativamente.

Assim como os padres que não são bons pastores para suas ovelhas, as beatas que podem pôr a perder, por falsa religiosidade e fofocagem, a vida de pobres moças indefesas, também algumas empregadas domésticas merecem um tratamento duro da parte do narrador. Tal como Eça de Queirós irá fazer anos mais tarde, Júlio Dinis, ao retratá-las, distingue as do campo das da cidade. Nesta, vemos uma Antônia, que, tal qual os missionários, não merece uma descrição personalizada do autor. Ao procurar prejudicar sua jovem patroa, que se enamorou do filho de Mr. Richard, vê-se comparada com a aranha traiçoeira, antecipando a figura que infernizará a vida da Luísa de "O Primo Basílio".

No campo, a relação entre patrões e empregados faz-se mais humana, não há tanta rivalidade, e os últimos gostam mesmo dos primeiros, fazem "quase parte da família", participando das suas alegrias e tristezas. Em *Os Maias*, Eça nos mostrará o carinho do mordomo Teixeira para com Carlos; o bom homem censura o excesso de rigor do avô para com o menino, a obrigação de comer, britanicamente, certas comidas e em horas certas, os banhos de água fria e o correr e trepar em árvores como se fosse um filho de caseiro. E essa amizade se estende até aos agregados da família, como se pode ver no acolhimento que o mesmo Teixeira e sua esposa Gertrudes dão a Vilaça, administrador e amigo da família Maia. Antes de Eça, Júlio Dinis põe em cena a boa Joana, criada de João Semana, que sai à luta contra a beata, em defesa da honra de Margarida; Maria de Jesus é vista como a "edição popular" da santa alma de Deus que era a tia de Henrique e Ana do Vedor tem a coragem de enfrentar o próprio Dom Luís, em defesa do rapaz que criou como filho.

Salvo os poucos personagens que Júlio Dinis retrata caricaturalmente, condenando-os por inteiro, e que ocupam uma pequena parte de suas histórias, o que ressalta nestas é a visão otimista da vida. O fato é por demais notório. Sabendo ver, observando ao seu redor e dentro de si mesmo, o autor percebia os fatos interessantes, e por vezes cômicos, que apresenta a vida

diária do homem comum. Procurou então retratá-los, fez desse homem o seu herói e colocou-o em ação em um determinado momento: o da descoberta do amor.

Aproveitando o que realmente deve ter visto e ouvido, cria seus personagens – principais e secundários – com carinho e cuidado. Situando-os em ambientes da cidade ou do campo portugueses, que retrata com realismo, focalizando seus traços humanos universais, permite que o leitor se identifique com os mesmos, neles se reconheça. Qual o pai que não se reconhecerá no velho Mr. Richard, a contar sempre, para filhos e amigos, as mesmas velhas histórias a partir de motivos semelhantes? Que jovem, por mais moderno que seja, não encontrará nos heróis dinisianos pontos de contato?

Não foram muitos os tipos humanos abordados, mas o autor soube pintá-los como poucos. Influenciado, possivelmente, pelas suas leituras inglesas, em especial Jane Austen, com seu *Razão e Sensibilidade*, enfatizou o contraste entre personalidades mais reflexivas e mais emotivas, mais sérias e mais estouvadas, que retratou em suas muitas nuances.

Disse Josué Montello de Júlio Dinis que *se não foi um romancista de gênio, teve pelo menos este parentesco com os maiores criadores literários: aumentou, como Balzac, o registro civil, com os tipos que tirou de seu tinteiro.*

Para criar estes tipos, em que as pessoas normais podem se reconhecer, o autor buscou, intencionalmente, a simplicidade e a clareza, empregou velhos arsenais narrativos, mas com que firmeza e capricho o fez!

Mais uma vez influenciado provavelmente por sua formação cultural inglesa, adotou, em relação ao ser humano, uma postura de crítica bem humorada, que se manifesta na conversa brincalhona do narrador com o “leitor” ou, mais sutilmente, na ironia suave com que retrata personagens, um de seus maiores encantos.